

**IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
V SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS**

IV CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL

EIXO TEMÁTICO: ORDEM PATRIARCAL DE GÊNERO E RELAÇÕES SOCIAIS DE SEXO

VOZES FEMINISTAS:

BREVE DIÁLOGO COM O SERVIÇO SOCIAL

Maira Franciane da Silva

RESUMO: O presente artigo reflete os fundamentos teóricos da construção social do feminismo no contexto euro americano, perpassando as obras de Silvia Federici, Mary Wollstonecraft, Simone de Beauvoir, Angela Davis e bell hooks, dialogando brevemente com o Serviço Social. Reconhecendo as mulheres enquanto sistematicamente oprimidas e inseridas historicamente em um campo de dominação e exploração, apreendendo como tal construção teórica torna-se fundamental para a compreensão do sistema capitalista, patriarcal e racista, em sua totalidade social, considerando o papel da mulher no mundo contemporâneo e uma prática profissional necessária, comprometida com a radical democratização da vida social no horizonte da emancipação humana.

Palavras-chave: Feminismo, Fundamentos Teóricos, Relação Sócio Histórica; Serviço Social.

ABSTRACT: This article reflects the theoretical foundations of the social construction of feminism in the Euro-American context, covering the Works of Silvia Federici, Mary Wollstonecraft, Simone de Beauvoir, Angela Davis and bell hooks, briefly dialoguing with social work. Recognizing women as systematically oppressed and historically inserted in a field of domination and exploitation apprehending how such a theoretical construction becomes fundamental for the understanding of the capitalista, patriarchal and racista system, in its social totality, considering the role of women in the contemporary world and a necessary professional practice, committed to the radical democratization of social life on the horizon of human emancipation.

Keywords: Feminism, Theoretical Foundations, Socio-Historical Relationship; Social service.

*“Será que você ouve as mulheres que vieram
antes de mim
quinhentas mil vozes
que vibram na minha garganta
como se isso tudo fosse um palco feito para elas
não sei dizer quais partes de mim são eu
e quais são elas
será que você vê quando elas me invadem
e saem do meu corpo
para fazer tudo
o que não puderam
quando estavam vivas.”*

Rupi Kaur¹

INTRODUÇÃO

Historicamente, mulheres foram inferiorizadas em decorrência de seu sexo, vivendo subordinadas as regras e situações que lhes impunham o silêncio, impediam-nas de viver dignamente e retiravam-lhes o direito de pensar e se expressarem. O feminismo, surgiu como um movimento que teve origem em meados do século XIX, manifestando-se das mais variadas formas, de acordo com a sociedade que lhe configura e com as condições em que se encontram as mulheres que ali habitam. Enquanto movimento, se apresenta como uma das frentes mais poderosas de luta por justiça social e combate ao sexismo no mundo de hoje. Como filosofia, considera a existência de uma opressão específica que acomete todas as mulheres, questiona as relações de poder instituídas, a opressão e exploração de determinados grupos de pessoas sobre as outras (PINTO, 2003, p.09).

Enquanto objeto de análise teórica, o movimento feminista vem sendo apresentado por algumas autoras e autores, subdivididos por acontecimentos sociais, econômicos e políticos, denominados “ondas”, no entanto, durante a construção deste trabalho, optamos pela expressão períodos históricos, mapeando o movimento, sua intensidade e acontecimentos em cada processo.

Reconhecemos que a história das mulheres antecede o sistema capitalista, no entanto, para compreendermos e identificarmos os processos históricos pelos quais as relações estruturais foram construídas precisamos retomar a introdução do processo de reprodução social capitalista, uma vez que o sistema de discriminação e opressão contra as mulheres é estruturante desde sua origem e se mantém necessário e essencial para sua

1 KAUR, Ruphi. Meu corpo minha casa [livro eletrônico] – São Paulo: Planeta, 2020. (n.p. e-book)

consolidação. O período de caça às bruxas, conhecido pelo assassinato de milhares de mulheres que foram perseguidas, julgadas, condenadas, multiladas e brutalmente assassinadas nos traça o panorama de cerceamento, privatização e controle de vidas, perpetuado historicamente até os dias atuais através do sistema capitalista.

A primeira fase que consolidou o movimento feminista enquanto movimento político, foi marcada pela publicação da obra de Mary Woolstonecraft, *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*. Considerada uma das percussoras do feminismo, em seu pioneiro estudo, Mary questiona a condição da mulher, refletindo sobre a necessidade da emancipação feminina, rompendo com as estruturas que coloca a mulher em posição de submissão e inferioridade em relação ao homem, convidando todas as mulheres de todas as classe sociais, a se unirem contra o contexto de restrição a vida doméstica e exclusão a que a industrialização as colocava.

Simone de Beauvoir, ícone mundial do movimento feminista e reconhecida enquanto ponto de partida para o modelo feminista construído na contemporaneidade, veio com sua obra *O Segundo Sexo*, compor um segundo momento do movimento, teorizando a concepção do ser mulher enquanto construção social, debatendo acerca do público e do privado, e, levantando temas inovadores e considerados ousados para a época, causando verdadeira euforia entre leitoras e leitores acadêmicos.

O feminismo, através da análise de Angela Davis em *Mulheres, Raça e Classe*, ganha um novo olhar, sob uma nova perspectiva, interseccionando a questão da raça, gênero e da classe, reconhecendo-as como necessárias para um movimento feminista que propiciasse lugar de fala a todas as mulheres, principalmente negras, operárias e todas aquelas que viviam sob condições precárias e marginalizadas.

A contemporaneidade chega, e com ela, um movimento feminista composto pelos efeitos midiáticos, globalizados e digitalizados, impulsionado pelo uso massivo das redes sociais, trazendo com ela, a teoria de bell hooks², defendendo um feminismo universal, feito para todas e todos, inclusive para os homens, acessível, direto e globalizado.

Caminhar pela construção sócio histórica do movimento a partir da perspectiva literária e teórica dessas autoras, nos possibilita visualizar, como já nos dizia Virginia Woolf em *Um teto todo seu*, “as obra primas não nascem de eventos únicos e solitários; são o resultado de

² Curiosamente o uso do nome da autora em caracteres minúsculos, segue as orientações da mesma, que optou por escrevê-lo assim como forma de protesto na busca por centralizar as atenções em suas mensagens, e não nela mesma.

muitos anos de pensamento comum, de pensamento coletivo, de forma que a experiência da massa está por trás de uma voz única". A obra prima, de cada autora aqui citada, não nasceu de eventos individualizados e únicos, mas conversam entre si, inspiram umas as outras e ainda que, sob algumas perspectivas e em determinados pontos e momentos possam vir a diferenciarem entre si, considerando que os contextos históricos em que ocorreram foram diferentes, elas são resultados de muitos anos de lutas e pensamentos coletivos, representando toda uma massa de mulheres que historicamente lutam contra as opressões, explorações e dominações sexistas.

Dialogar com o Serviço Social, reconhecendo-o enquanto uma categoria profissional que teve desde a sua gênese um campo predominantemente feminino, atravessada pelas relações sociais de sexo, inserida na divisão social e sexual do trabalho, buscando compreender e analisar a constituição das mulheres enquanto uma categoria social e histórica, se torna fundamental para compreendermos o Serviço Social em sua totalidade social enquanto profissão instituída no sistema de dominação- exploração capitalista, patriarcal e racista.

1. O TERROR DA CAÇA ÀS BRUXAS E O CAPITALISMO: um resgate histórico através do olhar de Silvia Federici

Para Silvia Federici, o modo de produção capitalista imperou formas distintas de exploração e dominação vivenciada pelas mulheres. Assim sendo, estudar a gênese do capitalismo e sua relação com a história das mulheres esta intrinsecamente ligada, sendo tratadas historicamente como seres socialmente inferiores.

[...] a transição para o capitalismo é uma questão primordial para a teoria feminista, já que a redefinição de tarefas produtivas e reprodutivas e as relações homem-mulher nesse período, ambas realizadas com máxima violência e intervenção estatal, não deixam dúvidas quanto ao caráter construído dos papéis sexuais na sociedade capitalista. (FEDERICI, 2017, p.30)

O período feudal ou feudalismo, que antecedeu o capitalismo, foi um sistema de unidades econômicas, políticas, sociais e culturais, caracterizado pela vida servil, que colocava a vida dos servos totalmente atada e regulada pelos senhores feudais, estando à autoridade dos homens servos sobre as mulheres, condicionada a autoridade dos senhores feudais. A divisão sexual do trabalho não impunha diferença, estando todo trabalho

contribuindo para o sustento familiar. Com o desenvolvimento da classe social burguesa, o feudalismo entra em crise, e com ele, cresce uma nova economia de base mercantil.

As mulheres exerciam forte papel social, encabeçando o êxodo rural, chefiando famílias, vivendo sozinhas, controlando seus corpos, suas funções reprodutivas (através de métodos contraceptivos e da realização de abortos) e, desenvolvendo atividades antes consideradas masculinas. Nessa mesma conjuntura, ampliou-se o apelo e regulação dos corpos por parte dos Estado e nutriu-se um clima totalmente misógino, legitimando-se o aborto e a violência e incitando o período chamado de caça às bruxas, por volta do século XI, resultado de uma iniciativa política, da Igreja e do Estado, a fim de reagir a resistência das mulheres as novas funções sociais impostas pela acumulação primitiva.

Com a crescente produção de mercadorias para a troca, criou-se espaço para o desenvolvimento do comércio, rompendo com o caráter autárquico da economia, passando a fomentar o consumo da nobreza por mercadorias que não podiam ser obtidas através de saques e guerras, mas por valor de troca, dinheiro (PAULO NETTO e BRAZ, 2012). Nesse processo de florescimento do comércio, se desenvolve a classe social que foi denominada por Marx de burguesia e a partir dela abre-se o caminho para a crise do feudalismo e o crescimento de uma economia de base mercantil. (SILVA, p. 23, 2020).

Inicia-se por volta do século XIV, os primeiros julgamentos, tendo por condenação o crime de bruxaria, caracterizado por uma iniciação política da Igreja e do Estado, com o intuito de conter a resistência das mulheres contra as relações capitalistas, que resultava na urgência de ressignificar suas funções sociais e sua feminilidade, o que veio a se tornar um dos principais elementos da acumulação primitiva.

[...] Se considerarmos o contexto histórico no qual se produziu a caça às bruxas, o gênero e a classe das acusadas, bem como os efeitos da perseguição, podemos concluir que a caça às bruxas na Europa foi um ataque à resistência que as mulheres apresentaram contra a difusão das relações capitalistas e contra o poder que obtiveram em virtude de sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e de sua capacidade de cura.

A caça as bruxas foi também instrumento da construção de uma nova ordem patriarcal em que os corpos das mulheres, seu trabalho e seus poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do Estado e transformados em recursos econômicos. O que quer dizer que os caçadores de bruxas estavam menos interessados no castigo de qualquer transgressão específica do que na eliminação de formas generalizadas de comportamento feminino [...]. (FEDERICI, 2017, p. 306)

De caráter hegemonicamente rural, podemos perceber que a caça às bruxas foi um mecanismo civilizador, utilizado como estratégia para criar uma nova divisão do trabalho, cerceando terras e corpos femininos, ampliando o controle estatal principalmente sobre a capacidade reprodutiva e a sexualidade das mulheres. As bruxas, segundo Federici, eram mulheres que se opunham e resistiam a pauperização e exclusão social a que eram submetidas, eliminando com elas crenças e praticas sócio culturais, que eram vistas como improdutivas e potencialmente perigosas para o desenvolvimento da nova ordem econômica.

Nessa linha, Calibã e a bruxa mostra que, na sociedade capitalista, o corpo é para as mulheres o que a fábrica é para os homens trabalhadores assalariados: o principal

terreno de sua exploração e resistência, na mesma medida em que o corpo feminino foi apropriado pelo Estado e pelos homens, forçado a funcionar como um meio que a reprodução e a acumulação de trabalho. (FEDERICI, 2017, p. 34)

A obra de Silvia Federici é um legado de reflexão que nos retoma a historicidade da mulher na sociedade capitalista, nos fazendo perceber o quanto fomos desumanizadas e ostracizadas com a instauração e o desenvolvimento da sociedade capitalista. Milhares de mulheres foram brutalmente assassinadas, significando a apropriação masculina sob seus corpos, trabalhos e reprodução, degradando sua identidade e função social, instaurando uma nova ordem patriarcal através da feminização da pobreza e da apropriação primitiva dos homens. Tal perseguição funcionou pano de fundo para o confinamento de mulheres a vida doméstica, subordinando-as aos homens, em todos os contextos, e concedendo ao Estado, o poder de controlar suas capacidades reprodutivas e sociais, se apoiando na sua invisibilização e na violência exercida contra elas.

2.O SÉCULO DAS LUZES E OS DIREITOS DAS MULHERES:

Mary Wollstonecraft e o pioneirismo teórico feminista

Enquanto um estágio marcado por inúmeras transformações sociais e econômicas significativas, o período iluminista, ou como também é chamado, século das luzes, fez-se como pano de fundo para grandes e marcantes acontecimentos também no movimento feminista. A partir do direcionamento ético político, partindo da igualdade, fraternidade e liberdade, que colocava a igualdade entre os sexos e emancipação jurídica e econômica da mulher em evolução a passos lentos, no entanto, movimento sociais vinham ganhando notoriedade.

Nesse cenário posto, questionando a Declaração dos Direitos dos Homens e do Cidadão, um conjunto de leis que estabeleciam direitos para todos os homens, sem contemplar as mulheres enquanto cidadãs, Mary Wollstonecraft publica *Reivindicação dos Direitos das Mulheres*, em 1792, debatendo assuntos referentes à desigualdade de gênero no campo educacional, político e conseqüentemente a inferiorização das mulheres na sociedade, focando no não acesso aos direitos básicos e no enclausuramento feminino a vida doméstica. Teoricamente, é considerada pioneira no movimento feminista, refutando pensamentos androcêntricos, marcando e influenciando esse primeiro momento do feminismo, que perdura entre meados do século XVIII, perpassando até o século XX.

O programa dessa primeira fase do feminismo tinha como eixos a educação das mulheres, o direito ao voto e a igualdade no casamento, em particular o direito das mulheres casadas a dispor de suas propriedades. Ao colocar, com clareza exemplar, o problema em termos de *direitos*, Wollstonecraft promove uma inflexão na direção da construção de uma teoria política feminista. Ela é também uma autora singular pela maneira, como, ao tratar dessas questões (com o foco voltado particularmente para a primeira delas), combina a adesão (quase inevitável) às ideias dominantes da época com elementos de inusual radicalidade. (Miguel e Biroli (2014, p. 21, grifo dos autores).

Criticando toda uma sociedade (homens) que clamavam por liberdade e fraternidade, Mary Wollstonecraft contribui com a construção de uma teoria atual e ainda necessária, centralizando seus debates e análises em questões referentes ao acesso a educação como instrumento de libertação não só para as mulheres, mas para todos os seres. Reconhecendo a mulher enquanto um ser de força própria, que demanda apenas o reconhecimento de suas capacidades, incentivo e orientação.

Inspiradas na teoria de Wollstonecraft, inúmeras outras feministas revolucionárias compuseram o movimento e a luta e a sindicalização do trabalho feminino, incitada pela Revolução Industrial e todo o contexto desumano de condições de trabalho a que mulheres foram expostas e eram submetidas. Um feminismo marxista ganha força, através de Alexandra Kollontai, Clara Zetkin, Rosa Luxemburgo, dentre outras, e com ele, uma revolução proletária como chave para a emancipação feminina através da revolução, condicionante para libertar mulheres da escravidão e da vida domésticas a que eram submetidas. Um feminismo que criticava o movimento feminista burguês e defendia que a liberdade das mulheres e seu reconhecimento enquanto seres humanos estava atrelada a luta de classes.

Ainda que esse primeiro momento histórico do feminismo, carregue marcas significativas em prol da luta pelo direito ao voto, ele militou em várias vertentes, desafiando as restrições sociais quem mantinha as mulheres presas à esfera doméstica e seus rebatimentos.

3.A EXISTÊNCIA FEMININA E TORNAR-SE MULHER

A revolução feminista pós grande guerras com Simone de Beauvoir

O período pós Primeira e Segunda guerras mundiais, foi marcante e extremamente significativo para a luta das mulheres, realocando-as socialmente a cumprir papéis de acordo com as necessidades impostas pelas guerras. Isso resultou em um novo momento para o feminismo, que buscou manter intensificada a luta por igualdade política, intelectual, social e legal, adentrando no ativismo e na militância, para debater assuntos como sexualidade, religião e poder.

Simone de Beauvoir, ícone desse momento histórico, alcançou a partir de sua obra *O Segundo Sexo*, lugares antes inimagináveis para mulheres. Dividido em dois volumes, no primeiro ela busca compreender biologicamente a mulher, criticando o que ela ousou chamar de sexismo biológico, que a colocaria em posição inferior em relação ao homem e de permanente desvalorização, simplesmente por possuir órgãos diferentes. Segundo SILVA (p. 55, 2020):

Para isso, ela fez uso da categorização da mulher enquanto “Outro”, preambularmente debatida e analisada, na introdução desse primeiro volume, ponderando acerca da concepção de que ser mulher, nesse mundo patriarcal, governado majoritariamente por homens, para homens e em função dos seus próprios interesses, é ser um segundo sexo, ou seja, ser mulher, é como existir sendo um ser relativo, é o não ser o sujeito, é ser o segundo.

Essa condição seria construída e determinada pela cultura, pelo modo de vida, tendo como determinismo sua redução desde o início da modernidade ao lugar de Outro do homem, e ao Outro da razão, sendo excluída do conceito supostamente neutro e universal de humano, sob o qual, de direito estaria abrigado apenas o homem.

Destarte, Beauvoir rompe com as bases teóricas tradicionais até então existentes, apresentando uma desconstrução da identidade de um suposto sujeito feminino, pensando o Outro a partir de uma desigualdade socialmente construída e que não define a mulher em si, mas sempre a comparando ao homem e colocando-a em um papel de submissão hierarquizado.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 2016, vol. 02, p. 11)

O nascer mulher, portanto, seria algo socialmente construído desde os primeiros anos de vida, quando a centralidade na educação de meninas era destinada a mães, avós e tias. O reconhecimento biológico do próprio corpo a partir da menstruação é colocado como motivo de vergonha e a passividade feminina imposta, gerando um processo alienador. Perpassando sua análise sob o olhar filosófico existencialista, ela reflete as condições da mulher sob as mais variadas formas, desde a sexual, psicológica, social e política, adentrando temas polêmicos, como o aborto.

Sua obra contribuiu para o desenvolvimento de um feminismo mais coletivo, com demandas ligadas a ideia do corpo e sua função reprodutora, desnaturalizando a questão de gênero. Apesar de ser uma das primeiras obras feministas a ganhar de fato notoriedade, ela causou além de euforias, desconfortos e uma forte reação antifeminista, simplesmente pelo fato de suas análises e conclusões, colocarem o ser mulher enquanto condicionamento social, apresentando a exploração de mitos, pressões sociais e explorações vivenciadas pelas mulheres, que até então, eram pouco ou sutilmente debatidas.

4.UM NOVO OLHAR FEMINISTA EM EVIDENCIA

Angela Davis e o feminismo negro

Até o momento em que a obra de Simone de Beauvoir ganha notoriedade mundial, o feminismo mantinha seu debate sob perspectivas centralizadas a partir de teorias e vivências de mulheres brancas, ainda pouco ouvidas e inviabilizadas enquanto líderes, sob uma perspectiva classista. Ainda que trouxessem em suas falas, a necessidade e a intenção de contemplar todas as mulheres, os movimentos existentes até então eram liderados e frequentados por um público com esse perfil.

Nesse contexto, Angela Davis, ao publicar sua obra *“Mulheres, Raça e classe”* em 1981, ilustrou a partir de suas análises a construção sócio-histórica do feminismo enquanto movimento nos Estados Unidos da América, que teve o racismo estrutural como pano de fundo, perpetuado e enraizado nas práticas do movimento até os dias atuais, e que se coloca como um agravante para a capacidade de se alcançar todas as mulheres.

Davis constrói em suas análises um resgate histórico da escravidão, que colocava as mulheres negras em condições objetificadas, exercendo um trabalho compulsório, vistas única e exclusivamente como propriedades e unidades de trabalho lucrativas.

Com a inserção da industrialização nos EUA, um novo conceito sobre a mulher foi instaurado. Desenvolvendo a clivagem da economia doméstica e pública, mulheres brancas foram separadas do mundo produtivo, instituindo uma cultura de inferioridade, propagando e defendendo a ideia de dona de casa e mãe como o estereótipo de mulher. No entanto, mais uma vez, as mulheres negras e os arranjos econômicos da escravidão que compunham, não condiziam com essa realidade.

A vida doméstica das famílias negras era construída no ambiente da senzala, como único espaço possível de sentirem socialmente a condição humana. As mulheres lutavam e resistiam arduamente, defendendo a família, instigando rebeliões e defendendo-se de assédios e abusos sexuais. Toda essa resistência envolvia mais que rebelar-se, mas aprender a ler e escrever de forma clandestina, transmitindo o conhecimento obtido aos demais e fazendo uso desse poder como força de luta. (SILVA, p. 81, 2020)

O movimento abolicionista americano, segundo Davis, caminhou paralelo à luta das mulheres brancas em busca do acesso ao direito à educação e a carreira de trabalho fora do ambiente doméstico. Muitas abolicionistas não concordavam com essa junção de temas de lutas, uma vez que inúmeras líderes do movimento não apoiavam o progresso da população negra, não reconheciam homens e mulheres negros enquanto seres humanos. Pessoas brancas não tinham consciência de classe, e se mostravam incapazes de reconhecer o sexismo, a escravidão e o sistema econômico capitalista enquanto interligados.

A emancipação da população negra através da luta abolicionista aconteceu de forma utópica, perpetuando papéis que a liberdade não conseguiu destruir. A mão de obra negra

era contratada sob condições opressoras e abruptas, a partir de contratos de trabalhos desumanos, que impunha o serviço doméstico enquanto atribuição exclusiva de mulheres negras, reconhecendo-as enquanto destinadas a essas funções, perpetuando os abusos sexuais enquanto armas para acesso a liberdade.

Como já discurremos nos períodos históricos anteriores, o marxismo influenciou a construção do feminismo, através da ativa presença feminina nas associações operária, na esquerda marxista e na construção e desenvolvimento do Partido Socialista. O Partido foi um dos principais defensores do marxismo e por muito tempo, o único defensor da causa sufragista feminina, embora demorassem significativamente cerca de uma década para reconhecer a questão racial que oprimia a população negra. Posteriormente, conseguiram constatar que a população negra tinha na pobreza a causa que a fazia ser mais vulnerável que todas as outras raças e guerrear contra o fascismo seria a única forma de conseguir garantir a paz, que o papel histórico da classe trabalhadora só pode ser revolucionária, se está lutar incansavelmente contra o racismo. Toda desigualdade enfrentada pelas mulheres brancas, eram enfrentadas pelas mulheres negras de forma triplas, como mulheres, trabalhadoras e negras e tinham no socialismo a esperança final para a libertação da classe trabalhadora e principalmente do povo negro. (SILVA, p. 91, 2020).

Davis, a partir de sua obra, revolucionou o olhar feminista, colocando-o sob inúmeros debates, incitando a necessidade de um novo movimento que enfrentasse a sociedade capitalista e com ela todas as mazelas opressivas reproduzidas, que fosse capaz de dar voz e contemplasse todas as mulheres, sem exceções, principalmente aquelas que foram historicamente silenciadas por uma vida escravizada e de sofrimento. Uma nova luta, que agregasse a libertação e a emancipação de todas as mulheres.

Destarte, o feminismo negro ganha visibilidade, teorizando que raça, classe e gênero são impartíveis do contexto social em que a luta das mulheres tem construído suas raízes. Ainda que inúmeras mulheres negras tenham contribuído historicamente com o movimento e as pautas feministas, sendo elas teóricas ou não, suas pautas dificilmente eram consideradas, ignorando suas questões específicas e silenciando suas vivências, perpetuando o racismo e o preconceito de classe. Segundo Angela Davis, essas limitações permanecem presentes no movimento feminista até os dias atuais.

5. bell hooks : O FEMINISMO CONTEMPORÂNEO É PARA TODO MUNDO

O período histórico que vivenciamos esta em processo de construção, histórias estão sendo contadas e com elas um feminismo contemporâneo que acompanhou a “re- evolução” da humanidade. Povos, mulheres, culturas e sociedades, sob forte influencia do avanço tecnológico, tem suas vidas reguladas diariamente por uma comunicação globalizada.

Até então, os períodos que contribuíram para a construção do feminismo presente, eram mobilizados por temáticas centralizadas. Nesse novo momento, com o uso da Internet, amplia-se o debate, alcançando países e regiões periféricas, dando voz e viabilidade a povos que nunca antes tiveram espaço para serem ouvidos. Ainda que algumas limitações dentro do movimento permanecem perpetuados, as pautas de luta vão sendo influenciadas pelas rápidas e significativas mudanças sociais, políticas e culturais em todo o mundo.

Nesse contexto, ganha destaque e notoriedade, a obra feminista de bell hooks, “O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras”, através de uma linguagem simples e acessível, vem contribuindo para a construção de um feminismo revolucionário, de massa, que seja capaz de transformar a vida de todas as pessoas, desafiando o patriarcado e educando os leitores para uma consciência crítica.

Para a autora, por mais que hoje, as pessoas tenham acesso a todo o tipo de informação, raramente eles buscam compreender o feminismo em sua completude, se contentando com informações obtidas a partir de terceiros, sem buscar nas fontes as raízes para compreender o movimento. Assim, ao propor um feminismo que seja acessível a todes, ela entende que esta contribuindo para que as pessoas percebam que viam o movimento sob uma perspectiva errônea e distorcida.

É necessário compreendermos que nascemos reproduzindo ações e comportamentos sexistas, culturalmente impostas, e que segundo hooks, só poderiam ser transformadas, a partir de conscientização e ações feministas. Deste modo, ela acredita ser possível que todos reflitam criticamente sobre o sexismo, no entanto apenas as mulheres se mobilizam para tal, considerando que os homens se beneficiam do sexismo e não estão dispostos a abrir mão disso. Se torna necessário, portanto, que homens sejam conscientizados sobre o movimento feminista, e a desconstrução do sexismo, tanto quanto as mulheres, pois para hooks, sem *“ter homens na luta, o movimento não vai progredir.”*³

Imagine viver em um mundo onde não há dominação, em que mulheres e homens não são parecidos nem mesmo sempre iguais, mas em que a noção de mutualidade é o ethos que determina nossa interação. Imagine viver em um mundo onde todos nós podemos ser quem somos, um mundo de paz e possibilidades. Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas – mulheres e homens – autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça, vivendo a verdade de que somos todas e todos ‘iguais na criação’. Aproxime-se. Veja como o feminismo pode tocar e mudar sua vida e a de todos nós. Aproxime-se e aprenda, na fonte o que é o

³ (hooks, 2019, p.31)

movimento feminista. Aproxime-se e verá: o feminismo é para todo mundo. (hooks, 2019, p. 15)⁴

Esse é o feminismo revolucionário que propõe bell hooks, nos encorajando a aprender com o passado, e trabalhar para um futuro em que os princípios feministas ancorem todos os aspectos de nossa vida pública e privada. Uma liberdade alcançada através de políticas feministas, nos libertando para que sejamos quem somos, *“para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde possamos viver em paz”*. Um feminismo para todo mundo.

BREVE DIÁLOGO COM O SERVIÇO SOCIAL: algumas considerações

Considerando o atual contexto brasileiro, de avanço avassalador do conservadorismo, do qual o capital retro alimenta para se manter, o objetivo deste estudo é entranhar caminhos renovadores para o Serviço Social. A profissão, esta intrinsecamente inserida nesse tempo histórico em que mulheres são constantemente responsabilizadas pelas expressões da agudização da questão social, não o bastante, também são pelo feminicídio e LGTBfobia.

Ainda que, tenhamos ao logo dos anos, com o processo de renovação profissional, consolidado nosso amadurecimento teórico-político, frente ao conservadorismo, ainda enfrentamos constantes desafios, sabendo que, na origem da profissão, não se tinha uma análise crítica de que a questão social era resultado da contradição capital- trabalho e do processo de luta da classe trabalhadora, que dão visibilidade à desigualdade social. Além disso, a categoria profissional teve desde sua gênese um campo predominantemente feminino, atravessada pelas relações sociais de sexo, inserida na divisão social e sexual do trabalho, uma vez que inicialmente eram espaços compostos pela primeiras damas e mulheres em destaque na sociedade, até ao próprio público atendido, composto majoritariamente pelo público feminino.

Ainda assim, permanece arraigado nas entranhas da profissão, práticas moralizantes sobre as mulheres, em torno de qualidades e obrigações consideradas exclusivas ao universo feminino. Precisamos, portanto, romper com o modelo tradicional e heteropatriarcal de família imposto pelo conservadorismo. Precisamos politizar a questão social, de forma que consideremos a organização da classe trabalhadora, o papel do Estado e as respostas das classes dominantes no capitalismo contemporâneo. E não só isso, precisamos dialogar com

4 HOOKS, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução Bhuvan Libânio. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

teorias construídas historicamente, buscando nesses fundamentos, subsídios para uma prática profissional consoante com uma prática feminista, e que, reconheça na apreensão crítica e em uma perspectiva de totalidade das relações sociais, a compreensão necessária para reconhecer nossa inserção nesse sistema heteropatriarcal, racista e capitalista.

Segundo Cisne (2018, p. 187), muito se fala sobre o marxismo não dar conta de determinadas temáticas nos dias atuais, principalmente referente a opressão vivenciada pelas mulheres e o feminismo. No entanto, concordamos com a autora, ao considerar que:

[...] sem o legado do materialismo histórico dialético e o patrimônio categorial do marxismo, não conseguiríamos apreender as determinações, em uma perspectiva de totalidade, das expressões da desigualdade social e da opressão vigentes na ordem heteropatriarcal- racista-capitalista.

Compreender e analisar a constituição das mulheres enquanto uma categoria social e histórica se torna fundamental para compreendermos o Serviço Social em sua totalidade social enquanto profissão instituída no sistema de dominação- exploração capitalista, patriarcal e racista.

A presença marcante de mulheres na composição da categoria profissional, bem como no seu público usuário, não é algo apenas importante para ser analisado, mas indispensável para o entendimento do significado sócio histórico e ideopolítico do Serviço Social, ao passo que constitui um dos selos da identidade profissional, assim como está eivada de determinações e implicações sociais. Ao ser considerada uma profissão feminina pela divisão sexual do trabalho, o Serviço Social carrega, como uma das principais implicações, um baixo status social e baixos salários. (CISNE, 2018. p. 151)

Buscar compreender o feminismo a partir do viés das autoras acima apresentadas nos oferece elementos para a possibilidade de uma prática do Serviço Social para além dela mesma. Não basta que, enquanto assistentes sociais, possamos entender todos os direitos e deveres existentes, se não compreendermos os processos históricos e sociais e suas características, entendendo a história enquanto movimento pertencente à dinâmica da vida social, dessa unidade dialética teórica. Que lugar estou enquanto assistente social, que me permite contribuir para uma prática feminista?

Simone de Beauvoir nos diria que é preciso compreendermos a mulher sob uma perspectiva de totalidade, enquanto sujeito construída socialmente, sendo necessário reconhecer que está inserida em uma sociedade, assim como também Silvia Federici nos apresenta no processo de caça às bruxas, desde a constituição e instauração do sistema capitalista, tendo seus corpos cerceados, torturados e privatizados, perseguidos continuamente, principalmente quando se trata, segundo Angela Davis de mulheres negras e pobres, silenciadas, vivenciando realidades distintas. Precisamos, portanto, de uma prática feminista, que atrelada a bandeiras de luta e consciência em relação ao capitalismo, faça uso da interseccionalidade como estratégia e resposta estrutural, política e intelectual de enfrentamento a supremacia branca, violência e o patriarcado engendrados pelo poder do

Estado e o capitalismo. Ocupando espaços e assumindo um lugar de fala, como hooks nos orienta a ir para além do ambiente acadêmico, alcançando as usuárias das políticas sociais, com os resultados e aprendizados e saberes construídos, mostrar para todos, principalmente a todas as mulheres, através dos fundamentos teóricos e sociais, que o feminismo existe, está posto, e é uma forte ferramenta de transformação de tudo que nos envolve, nos fortalecendo e possibilitando consciência de quem somos, e de que somos, mulheres fortes, livres e possuidoras de direitos, sonho que Mary Wollstonecraft, já almejava alcançar desde os primórdios do movimento feminista.

Uma prática profissional do Serviço Social feminista, comprometida com a radical democratização da vida social no horizonte da emancipação humana.

REFERÊNCIAS

BEAVOUIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Tradução Sérgio Milliet. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAVOUIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida, volume2**. Tradução Sérgio Milliet. – 3.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

CISNE, Mirla; SANTOS, Silvana Mara Morais dos. **Feminismo, diversidade sexual e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2018.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. -2.ed. –São Paulo, Cortez, 2018.

CISNE, Mirla. **Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social**.-ed. São Paulo, Cortez, 2015.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais**. *Serviço Social e Sociedade*, nº 132. São Paulo: Cortez, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiani. – 1.ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça as bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução Heci Regina Candiani. – 1. ed. –São Paulo: Boitempo, 2019.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvi Libânio – 6ª Ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

hooks, bell. **Teoria Feminista: da margem ao centro**. Tradução Rainer Patriota. – São Paulo: Perspectiva, 2019. – (Palavras negras).

IMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. – 4.ed. – São Paulo. Cortez, 2001.

KAUR, Rupí. **Meu corpo minha casa** [livro eletrônico] – São Paulo: Planeta, 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SILVA, Maira F. **As mulheres que vieram antes: Os fundamentos teóricos e a construção social do feminismo no contexto euro americano**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP FRANCA, 2020.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução Bia Nunes de Sousa , Glauco Mattoso. 1. ed. – São Paulo: Tordesilhas, 2014.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. – 1ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.